

VALENTIM MAGALHÃES E LUCIO DE MENDONÇA

---

# O ESCANDALO

Critica de Lettras, Artes, Politica e Costumes

*Vitam impendere vero.*

---

N.º 2 — 21 de Abril de 1888

---

[3ª Edição]

RIO DE JANEIRO

*Editor: José Assis Climaco dos Reis*

109, RUA DO HOSPICIO, 109

—  
1888

---

Typ. Reis, rua do Hospicio 109

---

# O ESCANDALO

---

A imprensa, o publico e o nosso primeiro numero. — O *Lar*, do sr. Pardal Mallet: ruim, ruim e ruim.—A reeleição do sr. F. Vianna e o manifesto da Confederação Abolicionista.

Rio de Janeiro, 21 d'abril.

Não é d'hontem, mas desde longos, amargurados máus annos, que ambos nós andamos nisto de escrever para o publico. Conhecemos, o nosso nadinha, o segredo de agradar ao leitor,—entidade multipla, complexa, heteroclitica, a cujas mil cambiantes precisa adaptar-se o pensamento e a fórma do escriptor que a quer conquistar. Para o sisudo burguez, pacato, equilibrado e pautado, convém dizer graves coisas antigas, que lhe não perturbem a digestão do almôço e a convicta segurança nas instituições juradas, tão necessaria e tão firme para elle como a plácida certeza de que, ás 5 da tarde, terá, na sala fresca da chacara, o jantar da familia; cumpre, então, nem de leve, abalar as grandes bases do edificio social — a propriedade, o credito do Estado, a religião de

nossos paes, os sacramentos da Egreja e as posturas da Camara Municipal; é atirar-lhe para a frente—os interesses estaveis da sociedade, as garantias da ordem, o respeito aos superiores, o abençoado suor do trabalho.

E o nosso homem, lisongeado no seu culto do logar-commum, conceberia por nós um *platonico* e era até capaz de incluir no rol de seus habitos o de lêr este folheto.

A's meninas leitoras enviariamos as phrases musicaes da banalidade galante,—um soluço de aura perfumada, entre ondas de luar mavioso,—a fugitiva gaze duma nuvem branca a resvalar pelo alto azul divino,—e as ethereas coisas do amor e da paixão,—as sempre novas delicias do primeiro amor que amanhece, na supplica de um olhar *delle* e no rubor virginal da face *della*,—os protestos de constancia eterna, que as mãos celebram depois dos olhos, e que os labios, ainda depois, consagram com o sacramento dos beijos,—e os soluços com que arfa o seio, e os extases dolorosos das despedidas supremas...

E a leitora gentil e conquistada nunca mais ouviria sem offêgos cubiçosos o prégão do *Escandalo*; e havia de commissionar o irmão ou o primo para a compra da nossa prosa melliflua.

Ao estudante, alma sempre ardente e generosa, enamorado dos brilhos do ideal, podiamos, com segurança, pescar o nickel de tostão

com o engôdo das grandes phrases sonóras—a paixão da liberdade, as severas bellezas da democracia, o desinteresse, o amor e a gloria.

E eis-nos, descuidosos do premio certo, a rasgar o sólo duro da realidade para semeiar verdades odiosas, que ninguem nos ha de agradecer...

Desinteresse de maniacos, ou estólida, gratuita virtude, chamem-lhe como quizerem os utilitarios; é este o nosso gôsto, e só de o satisfazer nos contentamos.

Do que não cuidamos, nem muito, nem pouco, é de contentar ao maior numero, ou a quem quer que seja. Neste particular, foi o velho camponio de La Fontaine quem afinal acertou com a verdade.

Ainda agora, a respeito do nosso primeiro numero, aconteceu-nos coisa muito semelhante aos remoques que, a caminho da feira, perseguiam o homem da fábula: a amavel redacção da *Epoca*, a quem, aliás, devemos gentilezas captivadoras, acha que fomos demasiadamente distribuidores d'elogios; ora, ao mesmis imo tempo, dizia-nos, em particular, um dos nossos mais estimados collegas d'imprensa, Urbano Duarte, que eramos muito pessimistas, e nos aconselhava a mais benovelencia.

Entenda-se lá.

O que nós ficamos entendendo, é que o verdadeiro é perseverarmos no proposito de nos

dirigirmos unicamente pelas inspirações do nosso bom ou máu criterio. Tambem, é o unico modo de sermos inteiramente responsaveis— como o entendemos ser— pelas nossas opiniões, justias ou errôneas, mas, em todo caso, nossas, e sinceras e meditadas.

Mais do que podiamos esperar, já o temos alcançado: a imprensa diaria desta capital, com raras excepções honrosas— para nós, acolheu-nos com extrema cortezia; e o publico, a quem não lisongeámos nem illudimos, exgotou em poucas horas a primeira edição do nosso folheto, cuja tiragem no dia seguinte se elevava á terceira. É, dadas as condições do nosso meio, um exito estrondoso e que ultrapassou a nossa modesta espectativa.

A causa deste facto não é sómente, como prevíramos no nosso primeiro artigo, a malignidade do publico; é tambem— por honra sua e nossa o digamos — porque tem verdadeira fome e sêde de verdade, e parece que nos achou capazes de lh'a mitigar um pouco.

Mais de um queixou-se da nossa má impressão typographica e do nosso máu papel... Mas por cem réis, gente? !...

Um de nós, Valentim Magalhães, publicava, não ha muito, fasciculos de 32 paginas, em papel magnifico e type novo, com capa illustrada por Belmiro, as *Notas á Margem*, uma

joia, pela qual os editores pediam quinhentos réis. O publico achava caro.

Este folheto agora é uma loucura de barateza, um tostão, cem réis, cinco vintens, pouco mais do que o preço duma chicara de café, o custo dum mau charuto ou dum engraxamento de sapatos; e então, não o podendo achar caro, acham-o mal impresso. Pois sim, carissimos sujeitos; nós somos capazes de nos mandar imprimir pela casa Leuzinger, ou pelo Laemmert, ou pelo Lombaerts; mas, correlativamente, serão vocês capazes de pagar o dôbro pelo nosso exemplar?

Não, não é verdade? Pois, nesse caso, tambem não e não: é o papelzinho barato e a impressão barata. E olhem que já é um ôvo por um real, porque isto com que se estão regalando não é prosa de tostão!

L. DE M.

---

O sr. Pardal Mallet, auctor do *Hospede* e do *Lar*, é, como nós ambos, bacharel em direito, moço, advogado, e, em litteratura, segundo diz, naturalista. E' um novo, um revolucionario. Quanta razão para dizermos bem delle! e só podemos dizer mal do seu ultimo livro.

O *Lar* é, effectivamente, um pessimo livro.

Antes de mais nada, tem o indesculpavel defeito de ser fastidioso. Parece incrivel que

custe tanto a acabar a leitura dum volume de 276 paginas, de 28 linhas a pagina cheia, e que só tem cheias umas 50 paginas, se tantas! As 276 paginas estão distribuidas em 130 capitulos, o que quer dizer que ha quasi tanto de impresso como de claro neste livro. Quasi todos os capitulos são de uma folha, alguns nem enchem uma pagina. Era volume para lêr-se duma assentada, sem tomar fôlego; pois lêmo-lo em muitas sessões, e tomamos fôlego muitas vezes, — ás vezes compassadamente e d'olhos fechados.

Este romance não tem *enrêdo*, o que não é um mal; mas egualmente não tem *acção*, o que é imperdoavel.

Como concepção, não é apenas singelo, é chato e insipido como um canteiro—antes de plantado. Como fórma, é, ás vezes, esdruxulo, esquipatico, extrambolico; mas não chega a ser original, na boa accepção artistica.

O character de Sinhá, a protogonista, é um tecido de incoherencias; e não se comprehende tão longo cortejo de circumstancias predisponentes á miseria moral, á prostituição ou ao adulterio, para que a rapariga acabe casando, singela e honestamente, como qualquer menina de boa familia e bons costumes.

O estylo é medonho. Com pretenções a moderno, é desconjunctado, desequilibrado, côxo, maneta, corcunda, zarôlho e careca. Tem fu-

runculos e tem piôlhos. Suspeitamos até que é trôpego e cambaleante pela razão de ter bichos nos pés, além dos callos e das frieiras que não tracta de esconder. Vê-se claramente que os dentes são postiços; por isso é que ri pouco e mal. Um dos olhos é artificial, e o outro tem o pequeno defeito de ser cêgo. O nariz vem coberto de papelão pintado, mas sente-se, de longe, que soffre de ozena.

Não pareça, que estamos, por perversidade, a carregar a mão contra esse pobre estylo; o demonio não vale mesmo nada.

Apontemos-lhe, ao acaso do folheiar, algumas mazellas.

Pag. 25: «E tudo isto *debitado* numa loquacidade torrencial — as palavras cahindo umas sobre as outras como um rolo de vintens arre-bentado». Gallicismo horripilante, aquelle *debitado* como synonymo de *recitado*; horripilante a construcção francezissima da phrase!

Pag. 32: «As duas criançaavam no meio de gostosas gargalhadas virguladas *em prantos*».

Pag. 51: «...brincadeiras menos *batalhosas*».

Pag. 61: «uns vestidinhos de chita feitos á *moda moderna*».

Pag. 63: «fallas *gritadiças*».

Pag. 83: «amadornentada ».

Pags. 85 a 86: «Seu Sardinha já andava meio cá meio lá, quasi *medianeiro* de fortuna».

Pag. 94: « Aprestadamente mandou chamar um belchior *alli comarcão*».

Pag. 106: « *castellava-se projectos*».

Pag. 115: « As mamás *proeminiam-lhe*».

Pag. 121: « *esmilhuçando os vestidos*».

Pag. 141: « *bonanchona*».

Pag. 188: « *perfumido concerto*».

Pag. 226: « o cheiro dos cirios e do *isen-sorio*».

Pag. 248: « Pela primeira vez elle fez bailar-lhe na *testada* a idéa de casamento».

Pag. 253: « todos riam, a *victima a primeira* ».

Pag. 255: « tinham *um voto consultativo* naquelle conselho de familia ».

Pag. 265: « O tempo *escorria-se velozmente* »

Que atrevida ignorancia da lingua! que desplante! que descôco! que grandissimo desafôro! Passa fóra!!

E, na descripção dum banquete de bôdas, esta expressão gordurenta, nauseativa: « depois de comido o perú houve uma pequena pausa, durante a qual eram substituidos os pratos e talheres e retiradas as *comidas de gordura* ».

E este especimen de critica litteraria: cita, numa lista de romancistas de carregação, predilectos de uma menina de lettras gordas e gordurosas, de par com Richebourg, Boisgobey

e Chavette,— Julio Claretie, o finissimo estylista, cinzelador de phrases, artista como quem mais o seja!

Então, o sr. Pardal Mallet não sabe mesmo nada?

Pois não é que este mancebo escreve *ritual* com *y* e *th*, deste feitio extravagante—*rythual*, confundindo carnavalescamente a etymologia desta palavra com a de *rythmo*?!

Se elle até ignora que «chryisma» é masculino! duas vezes escreve «*a* chryisma»!

E' de mais, sr. bacharel! Este publico será um ignorantão e um pulha; mas sempre merece mais algum respeitinho; descomponha-o, arraze-o, escandalise-o, como nós; mas ao menos, como nós tambem, com um boccadinho de grammatica, senhor!

E' de bom gosto; experimente, uma vez!

L. DE M.

---

O assumpto da ultima hora, e que ha de preoccupar a attenção publica nestes dias mais proximos, até que seja devorado por outro mais interessante, ou apenas mais recente, é a re-eleição do sr. Ferreira Vianna, ministro da justiça e parece que de todas as pastas.

O que mais nos interessa na occasião, não é propriamente essa eleição, nem a estrondosa,

mas naturalissima maioria com que foi suffragado o nome do ministro absorvente, omnipresente, omnifaciente; mas um episopio dessa eleição — o manifesto da Confederação Abolicionista

Não sei se já alguma vez foi declarado, mas cremos que ninguem ignora, que essa Confederação é composta de republicanos. Pois é ella quem, á ultima hora, na vespera da eleição, sahe-se á publicidade proclamando seu candidato o ministro e, pois, seu adversario o candidato republicano sr. Quintino Bocayuva.

Nós que sabemos que o sr. José do Patrocínio, alma da Confederação Abolicionista, é hoje commensal do sr. ministro Vianna e do respectivo compadre Barradas, não estranhámos muito o facto; estranhámo-lo sempre um pouco, por entendermos — até então — que a privança do chefe abolicionista com o ministro apenas devia ter-se como um bom agouro para o futuro da causa dos escravos, e não como motivo bastante ponderoso para que o sr. Patrocínio se esquecesse do muito que ainda esperam d'elle os republicanos de fóra da Côrte.

Não sabemos dizer nada por metade, nem por meias palavras.

E' para nós bem claro que o sr. José do Patrocínio, desde o momento em que assignou e fez subscrever similhante manifesto, declarou-se desligado do partido republicano.

E este procedimento, que não precisamos qualificar, não pôde, sequer, ter a desculpa que a piedade humana inventou para os tôlos — a boa-fé. O sr. José do Patrocínio não é nenhum tôlo...

Qualquer espirito menos elevado e menos instruido que o do redactor da *Cidade do Rio* comprehende, sem esforço, que a causa abolicionista, hoje triumphante em toda a linha, não exigia tamanho sacrificio. Nem o sr. Ferreira Vianna, ministro, carecia dos votos abolicionistas para ser eleito por grande maioria. Bastava-lhe a inepta abstenção liberal, e, ainda sem ella, ainda que os liberaes empenhassem todas as forças contra a candidatura do sr. Vianna, bastava-lhe ser ministro, para triumphar numa eleição pleiteada num districto da capital.

Para quem seja, simultaneamente e sinceramente, abolicionista e republicano (e tal é o caso dos redactores do *Escandalo*), é evidente que a aspiração republicana é muito mais vasta e complexa, muito mais importante e elevada para que não possa ser annullada pelos interesses da solução do problema abolicionista. Já não argumentaremos dizendo, como podíamos, que a republica importaria, immediata e necessariamente, a abolição, porque tambem poder-se-ia objectar que a idéa abolicionista, mais adeantada na consciencia nacional, não devia,

legitimamente esperar pela victoria, talvez ainda tardia, da idéa republicana no Brazil.

Diremos, porém, e irresponsavelmente, que a causa da abolição do captiveiro está a desaparecer do scenario politico — pelo seu definitivo e proximo triumpho; ao passo que a campanha republicana tem ainda que vencer os mais sérios obstaculos. Nestas condições, a defecção capitaneada pelo sr. José do Patrocínio é um êrro e um crime.

Não concluiremos estas linhas rapidas sem oppôr ao artigo da *Gazeta de Noticias* do dia 18 que a candidatura republicana do sr. Quintino Bocayuva não esperava, nem podia esperar os votos negreiros: a isso obstava a nobre franqueza com que elle se declarava, sem attenuações nem reservas, partidario da abolição immediata.

Assim, a guerra que, em nome do abolicionismo, lhe moveram, não se comprehende — sem offensa aos seus adversarios.

Na imparcialidade da *Gazeta* devemos crêr, por todas as razões, inclusivamente porque ainda não soubemos — nem esperamos saber — que qualquer dos seus redactores faça concorrência ao compadre Barradas nos regalos culinarios com que o beato ministro afervora as esperanças do abolicionismo fluminense.

Ouvimos estranhar que o partido republicano da Côrte concorresse á eleição, com risco de

prejudicar a victoria do ministro deputado. Essa censura, implicita no artigo da *Gazeta de Noticias* e, mais clara, no manifesto da Confederação Abolicionista, é uma injustiça, para não dizermos que é uma sem-razão.

Partido novo e, por sua indole, votado á lucta, não podiam os republicanos esquivar-se ao pleito do dia 19, sob pena de auctorisarem a crença de que tambem desejavam a reeleição do alto representante das instituições monarchicas. Ou concorriam á eleição, com candidato seu, ou mostravam-se anniquilados e nullos quando estava proposta á opinião do eleitorado esta consulta— se merecia a confiança da soberania nacional, que elle bem ou mal representa, um monarchista, isto é, um adversario das reformas democraticas, como tal ainda indicado pela recente escolha imperial.

Não é novo o espantalho que se tem armado contra o incremento do partido republicano —que elle está lucrando adeptos com os descontentamentos que o govêrno vae espalhando entre os proprietarios d'escravos. Que importa isso? que responsabilidade moral advém dahi á propaganda republicana? E é possível, é praticavel, determinaar os legitimos motivos de convicção que sanccionemos, e pôr força dos quaes acceitemos os convertidos que se vierem alistar em nossas fileiras?

Já houve partido que o fizesse ? Haverá já-  
mais algum que o faça ?

Atire aos republicanos a primeira pedra o  
que fôr innocente !